

BASES EPISTEMOLÓGICAS DA AVALIAÇÃO DOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL

Juliana Vital (CPGA/UFSC)¹
Carlos Alberto Karam (CPGA/UFSC)²

1. INTRODUÇÃO

A teoria da administração tem suas origens na preocupação com a produtividade, dominante a partir da Revolução Industrial. Por Revolução Industrial deve-se entender um longo processo que se inicia no final do século XVIII e que implica uma mudança radical na cultura material do Ocidente (MOTTA, 2001). Esse é um período de grande mobilidade e de grandes deslocamentos sociais. Essa mudança favorece consideravelmente a burguesia, dando um salto ascendente na sua trajetória. Nesse contexto, a palavra de ordem é a eficiência organizacional, objetivando um maior resultado para os detentores do capital. Segundo Tragtenberg (2006), é o taylorismo a tradução administrativa da lógica e dos interesses da burguesia, num momento dado de seu desenvolvimento histórico. Porém, a fim de ser melhor aceita na sociedade, esse tipo de teoria que privilegia uma determinada classe social é então encoberta com a neutralidade do rigor científico. Habermas expressa essa idéia em seu livro intitulado *Técnica e ciência como ideologia*, originalmente publicado em 1968.

A vida humana associada passa a ser considerada com base nos valores de eficiência e resultado, atendendo prontamente a lógica de mercado imposta por essa forma de produção. Passados dois séculos, as teorias administrativas se sofisticaram, porém refletindo a lógica do capitalismo flexível, herdaram características das antigas escolas de administração e continuam validando sua ideologia dominadora.

Guerreiro Ramos (1981, p. XV), em sua principal obra intitulada *A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações*, publicado no Brasil em 1981, também proclamava que “a ciência social e administrativa nada mais é do que uma ideologia legitimadora da sociedade centrada no mercado”. Por detrás do discurso da teoria das organizações, dominante nos debates acadêmicos e disseminado em *business schools*, há uma preocupação explícita com a conservação da dominação e do poder de um grupo específico sobre outro.

Em seu livro *Burocracia e Ideologia*, Tragtenberg também denuncia o caráter ideológico das teorias administrativas, além de realizar uma minuciosa análise do pensamento weberiano, resgatando uma das principais preocupações do sociólogo alemão: a burocracia como um tipo de dominação. Tragtenberg também demonstra que as teorias administrativas nascem predestinadas a garantir a produtividade nas organizações, sofrendo, portanto, de uma inexorável vocação para harmonizar as relações entre capital e trabalho (PAES DE PAULA, 2002). Ou seja, a harmonia administrativa favorece a produtividade e a ordem nas organizações, mas está muito longe de promover a liberdade do trabalhador, ou a emancipação humana, tão argumentada por teóricos críticos, principalmente os franckfurtianos.

Essa conservação da dominação de um grupo sobre outros é bastante característico do gerencialismo e suas características embasadas no modelo burocrático de se organizar. Em seu livro *Against Management*, Parker (2002) faz uma crítica a esse gerencialismo, alertando

¹ julianatvital@yahoo.com.br

² carloskaram@inovacerto.com.br



II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

para a relação entre este e o liberalismo de mercado. Um dos seus principais argumentos refere-se ao discurso hegemônico da gestão, o qual ocupa um lugar central nas sociedades industriais avançadas.

Parker deixa claro que não é ‘contra a organização’, uma vez que entende que nos tornamos humanos através da padronização do nosso mundo, categorizando pessoas e coisas, estruturando nossas percepções e nossos pensamentos para que o mundo faça algum sentido para nós. No entanto, ele argumenta que o substantivo ‘organização’ não é geralmente usado para se referir a todos os resultados da organização, mas, em vez disso, para algumas organizações formais muito específicas. Parker defende que não há um pressuposto de que apenas um princípio de organização é apropriado para diferentes contextos e que há uma grande variedade de potenciais modelos, mas, no presente momento, parece que a credibilidade de muitos aspectos dessas alternativas está sendo questionada pela aplicação generalizada do gerencialismo como a melhor maneira. E, em complemento, o mercado fornece a legitimidade para a inevitabilidade do gerencialismo.

O que Parker está tentando argumentar é que a noção muito peculiar e particular de gestão que foi construída ao longo do século passado está profundamente implicada em uma ampla variedade de problemas políticos e éticos, limitando nossa capacidade de imaginar formas alternativas de organização. O autor discute onde estariam os locais de resistência que poderiam desafiar a hegemonia da gestão e um dos pontos discutidos é em relação à academia. Seria essa capaz de refletir e desafiar esse discurso? Ou, ainda, seria de interesse da academia esse desafio?

Parker discute se os acadêmicos podem ser a força de transformação social, uma vez que desempenham um papel na formação da concepção e interpretação das idéias contemporâneas. Porém, alerta que sugerir que acadêmicos possam ser capazes de se envolver em política crítica não é o mesmo que dizer que eles irão. Além disso, o autor argumenta que não tem nada de heróico ou romântico nessa atividade, uma vez que os acadêmicos também vendem seus produtos para *business schools* e estão envolvidos diretamente no ensino da gestão. Não obstante, essa não é uma situação imutável. Alguns acadêmicos irão responder de outras maneiras, embora estejam propensos a escrever para um periódico lido, na maioria das vezes, somente pelos seus pares.

Nesse mesmo contexto do ambiente acadêmico, Tragtenberg (1990) afirma que o tema é amplo: a relação entre dominação e o saber, a relação entre o intelectual e a universidade como instituição dominante ligada à dominação, a universidade antipovo. O autor fala sobre a “delinqüência acadêmica”, desconstruindo a neutralidade científica e cultural da universidade e defendendo que ela é simplesmente uma instituição dominante ligada à dominação. Para ele, trata-se de um “complô de belas almas” recheadas de títulos acadêmicos, de um doutorismo substituindo o bacharelismo, de uma nova pedatocracia, da produção de um saber a serviço do poder. É possível, portanto, associar as ideias de Tragtenberg à corrente crítica da ciência administrativa dominante, o gerencialismo, disseminado pelos cursos de Administração.

O objetivo deste trabalho é identificar e analisar as bases epistemológicas dos conteúdos da avaliação dos cursos de Administração, realizada pelo Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (SINAES). Esse sistema é formado por três componentes: a avaliação das instituições, dos cursos e do desempenho dos estudantes. Mais especificamente, concentraremos nossa análise no último componente do sistema avaliativo: o desempenho dos estudantes. Esse desempenho é quantificado a partir do ENADE (Exame Nacional do Desempenho dos Estudantes). Esse exame reflete o ensino da ciência administrativa no Brasil. Portanto, a pergunta que caracteriza nosso problema de pesquisa é: A avaliação do ENADE possui conteúdos com bases epistemológicas limitadas ou viesadas?

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

Analisar a disseminação da teoria organizacional é importante uma vez que ela reflete a prática organizacional e também porque ajuda a constituir essa prática. Reed (1999) defende que a criação de uma teoria é uma prática intelectual situada num dado contexto histórico e que está voltada para a construção e mobilização de recursos ideais, materiais e institucionais para legitimar certos conhecimentos e os projetos políticos que deles derivam.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste trabalho terá como diretriz as categorias de análise das questões verificadas na avaliação do MEC, em relação aos cursos de Administração do país, o ENADE. Essas categorias serão discutidas ao longo da fundamentação teórica e explicitadas na metodologia da pesquisa.

2.1 Teoria tradicional x Teoria Crítica

Começamos essa fundamentação fazendo um paralelo entre a teoria tradicional e a teoria crítica. Isso porque entendemos que a teoria tradicional, dominante no campo científico, no caso das teorias organizacionais, busca a harmonia administrativa, tratada por Tragtenberg (2006). Ou seja, legitima a dominação de um grupo específico sobre outro.

Por teoria tradicional, os frankfurtianos entendem todo o conhecimento positivista, onisciente, que procura estabelecer princípios gerais, enfatizar o empirismo e a verificação e identificar proposições gerais para submetê-las à prova (TENÓRIO, 1998). Visa ao conhecimento puro, antes que à transformação social. Trabalha os fatos sociais como fatos quase neutros, análogos às ciências naturais. Tal percepção *fetichiza* os fatos, já que os “transforma e m uma categoria coisificada e, por isso, ideológica”, sem consciência dos determinantes da realidade (Horkheimer, 1990: 129 apud TENÓRIO, 1998). Segundo Geuss (1998:8 apud TENÓRIO, 1998), são três as teses centrais que distinguem uma *teoria tradicional* de uma *teoria crítica*:

1. Teorias críticas têm posição especial como guias para a ação humana, visto que:
 - a) elas visam produzir esclarecimento entre os agentes que a defendem, isto é, capacitando esses agentes a estipular quais são os seus verdadeiros interesses;
 - b) elas são inerentemente emancipatórias, isto é, elas libertam os agentes de um tipo de coerção que é, pelo menos parcialmente, auto-imposta, a autofrustração da ação humana consciente.
2. Teorias críticas têm conteúdo cognitivo, isto é, são formas de conhecimento.
3. Teorias críticas diferem epistemologicamente das teorias em ciências naturais, de maneira essencial. As teorias em ciência natural são ‘objetivantes’; as teorias críticas são ‘reflexivas’.

Essa preocupação com a reflexão, não é encontrada das teorias das organizacionais tradicionais. Isso porque, se ela busca a harmonia administrativa, entre o capital e o trabalho, é importante a simples aceitação de seus pressupostos. Esse tipo de teoria objetiva a ordem e não o conflito. Porém, essa ordem é buscada, na maior parte das vezes, e serviço do capital e não com a idéia de emancipação humana.

Ainda segundo Tenório (1998), outro posicionamento da *teoria crítica* contrário à *teoria tradicional* diz respeito à atitude do cientista perante o objeto de estudo. A *teoria crítica* não aceita o conhecimento como distinto e superior à ação e reconhece que a pesquisa é impossível de ser desinteressada em uma sociedade em que os homens não são autônomos. O pesquisador é sempre parte do objeto que estuda, principalmente se este objeto é social. Sua percepção está condicionada por categorias sociais sobre as quais não se pode sobrepor. Independentemente de o cientista aceitar ou não que seu conhecimento é supra-social, ele e sua

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

ciência estão integrados à sociedade. A ciência é parte das forças de produção, o que torna possível a constante atualização ou modernização dos sistemas produtivos.

A teoria tradicional, por sua vez, rege-se na “neutralidade científica”, em que o pesquisador é desinteressado em relação à ciência, ou seja, no caso das teorias organizacionais, ele é imparcial no que tange o trabalhador e o empregador. Porém, não é difícil perceber que o gerencialismo, da forma que é apresentado nesse ambiente, é uma teoria que privilegia quem governa, fazendo com que as pessoas gerem resultados.

Assim, boa parte da atual pesquisa social empírica principalmente no campo da gestão organizacional, está intimamente ligada ao pragmatismo, ao sucesso de mercado. Os seus métodos e técnicas estão moldados de acordo com o determinismo de mercado. Tal determinismo impede que os “pesquisadores tradicionais” tenham uma visão clara do mundo que os cerca, já que este tipo de pesquisador mimetiza suas análises sob a ótica exclusiva da razão instrumental. Através desta *razão* a “racionalização das relações entre os homens, (...), aspectos quantitativos” substituem os “qualitativos sob a hegemonia do princípio da equivalência entre coisas e coisas, homens e coisas” (Horkheimer, 1990: XV apud TENÓRIO, 1998).

Resumindo, segundo Tenório (1998) poderíamos dizer que as observações que a *teoria crítica* faz quanto à *teoria tradicional* desenvolvem-se em três aspectos:

- a *teoria tradicional* é inadequada para analisar ou entender a vida social;
- a *teoria tradicional* analisa somente o que vê e aceita a ordem social presente, obstruindo qualquer possibilidade de mudança, o que conduz ao quietismo político;
- a *teoria tradicional* está intimamente relacionada à dominação tecnológica da sociedade tecnocrática que vivemos, e é fator de sua sustentação.

Relacionado à teoria tradicional, o gerencialismo é, para nós, a representação instrumentalizada dessa prática. Por isso, no próximo item, apresentaremos algumas idéias do livro de Martin Parker, professor de teoria organizacional da Keele University, intitulado *Against management*, de 2002. O livro é extremamente provocativo. Partindo de análises críticas de perspectivas como ética nos negócios, estudos críticos em administração e protestos anti-corporativos, discute que a administração é uma ideologia que serve para justificar crueldades e desigualdades.

2.2 Gerencialismo

Parker (2002) pergunta: que sentido faz ser contra a gestão? O autor diz que simplesmente porque alguma coisa está em todo lugar, e vivemos completamente a gestão, não significa que é bom ou necessário. ‘Gestão’ tornou-se uma parte inseparável do senso comum do mundo em que vivemos. Ela se tornou uma característica que define uma organização que possui um grupo de indivíduos chamados gestores. A maior parte desses gestores terá uma formação extensa de como fazer gestão em um curso de Administração de uma universidade com especialistas de ensino e pesquisa sobre gestão e também recorrem a consultores de gestão. Em uma tríade de auto-interesse, acadêmicos de gestão formam gestores que procuram conselhos de consultores de gestão que buscam a sua legitimidade em acadêmicos de gestão. Diante disso, não é de se surpreender que muitas pessoas acreditam que a gestão é uma condição prévia para uma sociedade organizada, para o progresso social e para o crescimento econômico.

Há uma fé na gestão como sendo a resposta sobre todos os problemas humanos, que temos dificuldades de pensar em algo completamente diferente. Parker adverte que, por detrás desta fé, há algumas suposições gerais bastante interessantes: o primeiro é a idéia de controle sobre a natureza, o segundo é a idéia de controle sobre os seres humanos e o terceiro é um controle cada vez maior da nossa capacidade de organização.



II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

Em primeiro lugar, supõe-se que o progresso social é equivalente à nossa capacidade de como seres humanos de controlar cada vez mais o mundo natural ao nosso redor e a gestão é uma das maneiras que articulamos esse controle sobre as coisas, tornando-as sujeitos gerenciáveis para o controle do ser humano.

Em segundo lugar, a gestão também é uma forma do ser humano ser controlado. Isso quer dizer que os seres humanos também são uma potencial fonte de desordem na organização do mundo. Uma “natureza humana” interna está sendo progressivamente melhor compreendida por meio das várias ferramentas da ciência comportamental e social com o objetivo de domesticá-la, assim como no caso da natureza “externa”. Ao utilizar as ciências do homem (psicologia, sociologia, economia), a gestão pode moldar e domesticar os seres humanos para um futuro mais produtivo.

Finalmente, pode-se notar que a gestão também está implicada em um história de desenvolvimento de estratégias de controle de si mesma. De acordo com esse relato, as formas de organização social que caracterizam as primeiras sociedades eram autocráticas e cruéis. A gestão, por outro lado, é democrática e transparente. É uma forma de organização que se baseia na ordenação eficiente de pessoas e de coisas, para que os objetivos acordados coletivamente possam ser alcançados. Na sua melhor forma, evita o abuso do poder e da ganância e transforma a energia humana em objetivos mensuráveis.

A revolução burguesa está concluída e a gestão é dominante. A gestão é clara, responsável e precisa. A gestão não desperdiça energia humana, e exige apenas que o liberalismo democrático de mercado seja reconhecido como a melhor solução para todos. Gestão, portanto, é a forma mais avançada de organização humana. Quando o ditador cruel se torna o gestor responsável, o maior bem para maior número será alcançado.

Porém, essa forma de organizar, reconhecida nos cursos de Administração como a *best way*, esconde alguns problemas éticos e políticos bastante interessantes. Primeiro porque tem sua preocupação voltada para ordenação eficientes de coisas e pessoas, visando resultado. Para que ela se realize, sua ação deve ser estratégica, ou seja, pensada, planejada. Ainda, é muito difícil conseguirmos consenso entre os membros de uma organização na tomada de decisão e eficiência. Dessa forma, a gestão baseia-se na idéia de que um pequeno grupo pensa e os demais executam os objetivos traçados. Como destacava Guerreiro Ramos (1981), só incidentalmente haverá realização humana em um ambiente desse tipo, em que a autonomia humana é bastante limitada. No tipo de organização gerencial, as pessoas necessitam tão somente apresentar o comportamento esperado. Essa idéia também é bastante criticada por Guerreiro Ramos, em sua “Síndrome Comportamentalista”.

Boaventura de Souza Santos, em seu trabalho *Sociologia das ausências e sociologia das emergências* diz que a riqueza social está sendo desperdiçada, uma vez que desconsidera experiências alternativas. Ele diz que a atual ciência social é responsável por esconder ou desacreditar as alternativas. E, para combater o desperdício da experiência social, não basta propor um outro tipo de ciência social. Mais do que isso, é necessário propor um modelo diferente de racionalidade.

Dessa forma, no próximo tópico discutimos os tipos de racionalidade e, em seguida, apresentamos alternativas à organização gerencial, muitas vezes desconsideradas nas teorias organizacionais.

2.3 Racionalidade

Ramos (1989) propõe, por meio da Teoria da Delimitação dos Sistemas Sociais, uma crítica às Ciências Sociais e à Teoria da Organização, em particular, por calcarem seus pressupostos exclusivamente na racionalidade instrumental dominante no ocidente. O autor lem-

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

bra que a razão, no sentido antigo, referia-se a uma força ativa na psique humana que habilita o indivíduo a distinguir entre o bem e o mal, o falso e o verdadeiro, e assim ordenar sua vida pessoal e social. Já a razão moderna, hobbesiana, é definida como a capacidade que o indivíduo adquire pelo esforço e que o habilita a fazer o cálculo utilitário de conseqüências.

Weber (2004a) classificou de *Zweckrationalität*, ou seja, racionalidade formal, a razão calculista ou utilitarista predominante, por exemplo, nas relações econômicas do sistema de mercado da sociedade capitalista. Por outro lado, chamou de *Wertrationalität*, que significa racionalidade substantiva, a razão baseada em convicção e valores, a qual pressupõe um fim em si mesma, independentemente de suas expectativas de sucesso.

Mannheim (1972) complementou esses estudos sobre racionalidades, refinando seus conceitos. O autor recorreu aos adjetivos “funcional” e “substancial” para explicar tais racionalidades. Ou seja, a racionalidade funcional é caracterizada quando é orientada para atingir um objetivo predeterminado. Por outro lado, a racionalidade substancial pressupõe um ato intrinsecamente inteligente e que deriva do conhecimento lúcido e autônomo de relações entre fatos, estando estreitamente relacionada com a preocupação em resguardar a liberdade. Ainda segundo esse autor, a industrialização tem desenvolvido a racionalidade funcional e que isso pode diminuir a capacidade média de racionalização substancial.

O conceito weberiano de racionalidade referente a fins serviu de referência para que Guerreiro Ramos (1981) construísse a Teoria formal da vida humana associada. A razão calculista e utilitarista proposta por Hobbes transformou-se no principal componente do *ethos* de mercado. Essa racionalidade econômica passou a ser quase que exclusivamente explorada por sociólogos, economistas e administradores, como pressuposto aos fenômenos sociais pesquisados.

Guerreiro Ramos (1966) lembra que a definição weberiana de ação social, desde 1922 quando surgiu, baseia a construção do conceito sociológico de racionalidade. Para Weber (2004) a ação social pode ocorrer: (1) de modo racional referente a fins; (2) de modo racional referente a valores; (3) de modo afetivo ou emocional; e (4) de modo tradicional.

Kalberg (1980) realizou uma profunda análise dos diferentes tipos de racionalidade e ação social propostas por Max Weber e seus respectivos processos mentais envolvidos. Conforme demonstrado no Quadro 1, Kalberg (1980) considera que os processos mentais constituem categorias de análises comuns aos tipos de racionalidade e ação social, originando ou não padrões de ação racional consciente. O autor ressalta a existência de duas racionalidades adicionais à formal e à substantiva, nas publicações weberianas. São elas as racionalidades Prática e Teórica. O modo de vida que vê e julga a realidade com base em interesses puramente pragmáticos e egoístas caracteriza a racionalidade prática. Ao invés, por exemplo, de tentar manipular determinadas rotinas da vida cotidiana segundo padrões de ações, a racionalidade prática implica em aceitar dada realidade e calcular os melhores meios para lidar com as dificuldades que ela apresenta. Dessa forma, a racionalidade prática se opõe a todas as orientações que implicam questões transcendentais ou metafísicas, sejam elas religiosas, utópicas ou abstratas. A racionalidade Teórica, diferentemente da Prática, não implica em ação. Trata-se de um tipo de racionalidade que envolve a capacidade consciente de lidar com a realidade através da construção de conceitos abstratos. Portanto, todos os processos de abstração cognitiva envolvem a racionalidade Teórica.

Características antropológicas dos indivíduos			
Tipos de Ação Social	Processos mentais Envolvidos	Tipos de Racionalidade	Padrões conscientes de ação racional
Não racional			



II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

• Tradicional	Não racional	-----	Não
• Afetiva	Não racional	-----	Não
Racional			
• Referente a valores	Subordinação da realidade a valores	Substantiva	Sim
• Referente a fins	Cálculo utilitário dos fins	Formal, Prática	Sim Sim
*	Vários processos abstratos	Teórica	Sim

* Ação racional pode ser produzida indiretamente

Quadro 1 – Características antropológicas dos indivíduos e os padrões conscientes de ação racional

Fonte: Kalberg, 1980, p. 1161,

Guerreiro Ramos (1989) afirma que Weber preferiu não aprofundar seus estudos sobre a racionalidade substantiva e limitou-se a descrever a burocracia como empenhada em funções racionais. Na opinião do sociólogo brasileiro, a pesquisa de Weber teria tomado um rumo completamente diferente, caso o economista tivesse confrontado a existência dos valores implícitos na racionalidade substantiva. A racionalidade formal incrustou no sistema de mercado a síndrome comportamentalista, onde predominam a fluidez da individualidade ou despersonalização, o perspectivismo, o formalismo e o operacionalismo. Dessa forma, foi instaurada uma política cognitiva que caracteriza a psicologia da sociedade centrada no mercado. Em outras palavras, iniciou-se o uso consciente de uma linguagem distorcida, cuja finalidade é levar as pessoas a interpretar a realidade em termos adequados aos interesses específicos dos agentes de tal distorção. Esse processo, conseqüentemente, criou uma visão paroquial da natureza humana, onde o indivíduo é reconhecido socialmente como um detentor de determinado emprego (GUERREIRO RAMOS, 1989).

Serva (1997a) afirma existir um impasse causado pela ausência de estudos que apresentem evidências empíricas da aplicação da racionalidade substantiva na prática administrativa de organizações produtivas. Tal lacuna, segundo ele, faz com que os difusores das teorias de Guerreiro Ramos tenham dificuldade em avançar nesse campo de estudo. Sendo assim, o autor empreendeu uma pesquisa de campo em três pequenas empresas privadas de Salvador, identificando ações racionais substantivas e instrumentais em onze processos organizacionais dessas empresas. Além disso, avaliou a intensidade de racionalidade substantiva nessas organizações.

Reconhecendo a necessidade de uma teoria de ação, complementar à abordagem conceitual de Guerreiro Ramos, Serva (1997a) utilizou A Teoria da Ação Comunicativa, de Habermas (1984). A Teoria da Autopiesis, de Varela e Maturana, também serviu de base para o delineamento e análise daquela pesquisa. O autor concluiu que duas das três empresas poderiam ser consideradas organizações substantivas, devido à predominância comprovada da razão substantiva em seus processos organizacionais, com destaque para a rubrica valores emancipatórios. Essas mesmas duas empresas apresentaram intensidade elevada e muito elevada de racionalidade substantiva em suas práticas administrativas. Conforme observa, ainda, o mesmo autor, tais características não as impediram de obter razoável sucesso econômico, mesmo em um grande centro urbano, onde a competição costuma ser mais acirrada.



II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

A exemplo do trabalho citado acima, Serva (1997b) apresenta outro artigo extraído de sua tese de doutorado e que, portanto, utiliza a mesma pesquisa de campo. Nesse caso, o enfoque é detalhar e aprofundar a complementaridade entre as teorias da abordagem substantiva e da Ação Comunicativa. Ao demonstrar empiricamente suas conclusões conceituais, o autor descreve e contrapõe os resultados da análise de duas das três empresas estudadas no trabalho anteriormente citado, sendo uma de muito elevada e a outra de baixa intensidade de racionalidade substantiva em seus processos organizacionais. Portanto, esses estudos de Serva (1997 a,b) propõem a possibilidade prática de análise de processos organizacionais, com base nas teorias guereiristas e habermasianas, as quais consideram, respectivamente, as racionalidades substantiva e a ação comunicativa como elementos adicionais à razão instrumental nas práticas organizacionais.

Pode-se dizer que a prática gerencialista, baseada predominantemente na racionalidade instrumental é tipicamente presente na organização do tipo empresarial, uma vez que esta é constituída para geração de resultados. Porém, seria bastante parcial, cientificamente falando, considerar somente esse tipo de forma organizacional como sendo a melhor forma de se organizar.

2.4 Dominação social

No livro *Burocracia e ideologia*, Tragtenberg denuncia o caráter ideológico das teorias administrativas, além de realizar uma minuciosa análise do pensamento weberiano, resgatando uma das principais preocupações do sociólogo alemão: a burocracia como um tipo de dominação. Tragtenberg também demonstra que as teorias administrativas nascem predestinadas a garantir a produtividade nas organizações, sofrendo, portanto, de uma inexorável vocação para harmonizar as relações de capital e trabalho.

Constitui-se assim, na visão do autor, a *ideologia da harmonia administrativa*, que, ao dissimular a natural tensão entre os interesses de empresários e trabalhadores, dissolve as energias individuais e sociais direcionadas para democratização das relações no mundo do trabalho. Isto possibilita que o monopólio do poder e as relações de dominação prevaleçam, reduzindo as perspectivas de emancipação humana nas organizações. Em outras palavras, a harmonia administrativa favorece a produtividade e a ordem nas organizações, mas está muito longe de promover a liberdade do trabalhador.

As principais idéias do autor, segundo Paes de Paula (2002):

- as teorias administrativas são produto das formações socioeconômicas de um determinado contexto histórico, de modo que são extremamente dinâmicas na sua potencialidade de se adaptar às demandas do modelo de acumulação capitalista e regulação social vigente;
- as teorias administrativas se expressam de duas maneiras – ideologicamente, ao se manifestarem como idéias eficientes e destituídas de historicidade, que recorrem a disfarces mais ou menos conscientes para esconder a verdadeira natureza da situação, e operacionalmente, ao constituírem práticas, técnicas e intervenções consistentes com estas idéias;
- as teorias administrativas são adaptativas, mas obedecem a um princípio genético, a uma herança cumulativa a partir da qual são criadas e reelaboradas;
- a burocracia é o aparelho ideológico que congrega as teorias administrativas e também é produto e reflexo do contexto histórico e socioeconômico no qual está inserida; assim, para identificar a burocracia na estrutura da empresa, é preciso transcender o hábito de caracterizá-la a partir do tipo ideal weberiano, para interpretá-la como um fenômeno historicamente situado e uma forma de dominação.

2.5 Tipos de enclave social

Souza Santos (2000) diz que a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante e que esta riqueza social está sendo desperdiçada. É deste desperdício que se nutrem as idéias que proclamam que não há alternativa, que a história chegou ao fim e outras semelhantes. Para combater esse desperdício da experiência, para tornar visíveis as iniciativas e movimentos alternativos e para lhes dar credibilidade, o autor alerta de que pouco serve recorrer à ciência social tal como a conhecemos. No fim das contas, essa ciência é responsável por esconder ou desacreditar as alternativas. O autor argumenta que é preciso propor um modelo diferente de racionalidade, como já foi discutido anteriormente.

Criticando o modelo de racionalidade ocidental dominante, ele introduz alguns procedimentos sociológicos, os quais caracterizam o que o autor denomina de razão cosmopolita. Tais procedimentos são a sociologia das ausências, a sociologia das emergências e o trabalho de tradução.

Ainda segundo Souza Santos (2002), a sociologia das ausências visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, ativamente produzido como não-existente, isto é, como uma alternativa não-credível ao que existe. O seu objeto empírico é considerado impossível à luz das ciências sociais convencionais, pelo fato de que a sua simples formulação representa já uma ruptura com elas. O objetivo da sociologia das ausências é, portanto, transformar objetos impossíveis em possíveis, objetos ausentes em presentes.

Com a sociologia das ausências proposta por Souza Santos (2002), os silêncios e as invisibilidades sociais passam a ganhar visibilidade e concretude, haja vista a nova racionalidade que ele insere no estudo da realidade. De acordo com esse autor, a lógica da monocultura do saber ou do rigor do saber corresponde ao status atribuído à ciência moderna e à “alta cultura” como os únicos espaços de produção de saberes válidos (cultura científica) e de qualidade estética para a criação artística (cultura humanística). Trata-se da lógica de produção da não-existência extremamente poderosa, implicando um processo de tornar inexistente o que não é reconhecido ou legitimado por esses espaços.

Além da monocultura do saber, Souza Santos (2002) descreve o que denomina de lógica da monocultura do tempo linear, que traduz a idéia de que a história possui um sentido único e linear. Essa idéia se coaduna com o princípio de que o tempo escoia para o progresso, o desenvolvimento e a modernização. Neste processo de “evolução”, contudo, distinguem-se as culturas modernas e desenvolvidas daquelas atrasadas e subdesenvolvidas, sendo as primeiras representadas pelos países centrais e as segundas caracterizadas pelos países periféricos. Sendo assim, as formas de sociabilidade e os conhecimentos presentes nos países de ‘vanguarda’ tornam-se os referenciais para designar o avançado e o primitivo, o moderno e o obsoleto, o desenvolvido e o subdesenvolvido. Ainda segundo Souza Santos (2002, p.18): “Uma vez libertada do tempo linear e entregue à sua temporalidade própria, a atividade do camponês africano ou asiático deixa de ser residual para ser contemporânea da atividade do agricultor *hi-tech* dos EUA ou do executivo do Banco Mundial”.

A terceira lógica apontada por Souza Santos (2002) é aquela classificada como a monocultura da naturalização das diferenças. Neste caso, a racionalidade hegemônica classifica o social de modo a ocultar o caráter arbitrário de sua constituição, numa tendência a naturalizar os processos culturais e ideológicos de distribuição hierárquica da população, a exemplo das classificações raciais e sexuais. Segundo Santos (2002, p.19): “As diferenças que subsistem quando desaparece a hierarquia tornam-se uma denúncia poderosa das diferenças que a hierarquia exige para não desaparecer”.

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

Para a perspectiva da escala, Souza Santos (2002) assinala uma quarta lógica do inexistente, por ele nomeada como lógica da monocultura do universal e do global. O universal e o global se colocam, segundo a hipótese em apreço, como a referência daquilo que se eleva, seja porque representa uma realidade que independe de contextos particulares (universalismo), seja porque reflete uma realidade que se alarga para o espaço mundial, fazendo uma oposição entre o global e o local (globalização). O particular, para o universalismo, e o local, para o globalismo, são referências de inferioridade para o paradigma racional vigente e a não-existência se produz na medida em que “as entidades ou realidades definidas como particulares ou locais estão aprisionadas em escalas que as incapacitam de serem alternativas credíveis ao que existe de modo universal ou global.” (SOUZA SANTOS, 2002, p. 14).

Convergindo com essas ideias de Boaventura de Soza Santos entendemos que a teoria das organizações também desperdiça experiência quando privilegia, geralmente, uma única forma de construção de sistema social. Para explicitarmos outras lógicas de organizações, utilizamos três tipologias de enclaves sociais, inspiradas nas categorias ideais pertencentes ao Paradigma Paraeconômico, proposto por Guerreiro Ramos (1981): economia, isonomias e fenonomias. Apresentamos a conceituação dessas três tipologias:

Economia: “uma economia é um contexto organizacional altamente ordenado, estabelecido para a produção de bens e/ou para a prestação de serviços” (GUERREIRO RAMOS, 1981, p. 147-148). Possui as seguintes características: 1) presta seus serviços a clientes; 2) sua sobrevivência é em função da sua eficiência; 3) pode e geralmente precisa assumir grandes dimensões de tamanho e complexidade; 4) seus membros são detentores de empregos e avaliados nesse qualidade; 5) a informação circula de maneira irregular entre seus membros, bem como entre a própria economia, como entidade, e o público.

Na sociedade centrada no mercado, as economias são livres para modelar a mente de seus membros e a vida de seus cidadãos, de modo geral. Assim, uma teoria política e administrativa centrada no mercado, como é característico da que atualmente prevalece e é largamente ensinada, pressupõe que o critério do desempenho eficiente, nas mútuas relações entre os indivíduos e as economias, resume completamente a natureza humana (GUERREIRO RAMOS, 1981, p. 148).

Guerreiro Ramos (1981, p. 150) não nega a importância das economias burocratizadas, dizendo que elas “podem-se tornar mais produtivas para seus membros e para os cidadãos em geral”.

- a) Fenonomia: caracteriza um sistema social de caráter esporádico ou mais ou menos estável, iniciado e dirigido por um indivíduo, ou por um pequeno grupo, e que permite aos seus membros o máximo de opção pessoal e o mínimo de subordinação a prescrições operacionais formais. Nessa categoria podem transitar artesãos, escritores, artistas, inventores etc. Para esses indivíduos as relações econômicas são incidentais, pois suas obras são automotivadas (GUERREIRO RAMOS, 1989).
- b) Isonomia: representa o contexto onde todos são iguais; contudo permite a auto-realização dos seus membros, independentemente de prescrições impostas. Os indivíduos são livremente associados e desempenham atividades compensadoras em si mesmas, as quais são consideradas vocações e não empregos. Esse contexto não diferencia níveis hierárquicos e a autoridade é atribuída pela deliberação de todos. Esta categoria pressupõe a predominância das relações primárias, pois os relacionamentos secundários e terciários a transformariam em uma democracia, oligarquia ou burocracia. A tentativa de ambientes isonômicos pode ser encontrada em associações de pais e mestres, associações comunitárias, associações artísticas e re-

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

ligiosas, enfim, em grupos nos quais as pessoas busquem estilos de vida que transcendam os padrões normativos que dominam a sociedade como um todo (GUERREIRO RAMOS, 1989).

A teoria administrativa tradicional tem como foco da sua análise as organizações da economia, sejam públicas, privadas ou as do chamado terceiro setor. Outras formas organizacionais que obedecem a lógica de ação distintas são normalmente desperdiçadas e, muitas vezes, tidas como ‘desorganizações’.

Segundo Dellagnelo e Silva (2000), as novas formas organizacionais vêm sendo visualizadas basicamente de duas maneiras: a) como representação de uma lógica de ação diferente da instrumental: coerente com a proposta pós-modernista, ou com a teoria crítica na análise organizacional, vem tratando o tema como a manifestação de diferentes formas de se entender as organizações contemporâneas, própria da diversidade que caracteriza a sociedade em diferentes contextos. Nessa abordagem, as novas formas organizacionais representariam a) a operacionalização de modos de racionalidade diferentes daquele descrito por Weber como típico do modelo burocrático; e b) como simples aperfeiçoamento da abordagem contingencial da administração: própria do projeto modernista de organização, procura discutir as novas alternativas organizacionais em face de um ambiente considerado altamente turbulento e competitivo, com a preocupação de desenhar o melhor arranjo organizacional para o alcance da maior efetividade.

Ainda de acordo com Dallagnelo e Silva (2000), a consideração do tipo de racionalidade parece ser componente fundamental para a efetiva verificação da ruptura das novas formas organizacionais relativamente às organizações burocráticas.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

A natureza desta pesquisa, quanto aos seus objetivos, pode ser caracterizada por descritiva. A pergunta que caracteriza nosso problema de pesquisa é: Quais as bases epistemológicas dos conteúdos da prova do ENADE?

Como já mencionado na introdução, nosso objetivo é identificar e analisar as bases epistemológicas dos conteúdos da avaliação dos cursos de Administração no Brasil, realizados pelo ENADE. Sendo assim, o objeto de estudo deste trabalho é a prova do ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes), o qual faz parte do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) brasileiro.

A prova analisada foi a última avaliação, aplicada no ano de 2009, caracterizando, portanto, um corte transversal. O documento está disponibilizado no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2009), bem como seu gabarito, o qual foi importante na compreensão sobre o que a comissão avaliadora julga como “certo” no ensino da Administração no país.

As questões analisadas referem-se às de conhecimento específico na área de Administração, compreendendo 30 questões da prova (perguntas de número 11 a 40). Selecionamos dez dessas questões, cujo conteúdo possibilitasse uma análise mais clara e adequada a respeito das bases epistemológicas dos conteúdos da avaliação. A escolha dessas 10 questões tem caráter não probabilístico, e foi baseada na experiência e conhecimento dos pesquisadores em identificar os conteúdos mais representativos para atingir aos objetivos de análise desta pesquisa.

Salientamos que as categorias de análise abaixo apresentadas não pretendem cobrir, de forma conclusiva, todas as alternativas possíveis para cada item. Esta classificação serve apenas de referência quanto às diferentes possibilidades de posicionamento em relação a cada uma dessas categorias. Quanto mais limitado a um único posicionamento for o discurso iden-

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

tificado nas questões do ENADE, menor será a neutralidade científica. A partir dessa lógica de análise, apresentamos as categorias utilizadas como referência:

- a) Teoria
 - tradicional – quando houvesse preocupação com a harmonia administrativa entre trabalho e capital, buscasse a ordem com a negação do conflito e fosse uma teoria de manutenção do *status quo*.
 - crítica – quando houvesse preocupação com a emancipação humana, fosse uma teoria de reflexão das formas de organização ou buscasse o entendimento dos membros envolvidos.
- b) Forma de organizar
 - Gerencialista – quando a ação social fosse do tipo utilitarista, fundada no cálculo de meios e fins e que, na interação entre duas ou mais pessoas, uma delas tem autoridade formal sobre a (s) outra (s).
 - Não gerencialista – quando houvesse gerenciamento participativo, fundada no entendimento, a liderança negociada, sendo o processo decisório exercido por meio de diferentes sujeitos sociais.
- c) Ideologia
 - Dominação – quando o objetivo é o controle dos seres humanos.
 - Emancipação humana – quando o objetivo é a liberdade do homem.
- d) Racionalidade
 - Instrumental – quando a ação social é voltada para resultados.
 - Substantiva – quando a ação social baseia-se em convicção e valores.
- e) Enclaves sociais
 - Economia – organizações formais, burocratizadas e orientadas predominantemente pela lógica instrumental.
 - Isonomia – forma organizacional onde os indivíduos são livremente associados, com o mínimo de subordinação a prescrições operacionais formais e desempenham atividades compensadoras em si mesmas.
 - Fenonomia – constituída por um indivíduo ou pequeno grupo, informalmente, com mínima subordinação, visando à libertação da criatividade humana e tendo os critérios econômicos como incidentais.

A partir destas cinco categorias, foi realizada uma análise de discurso das questões da prova do ENADE.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A prova do ENADE contém questões de múltipla escolha e questões discursivas no que se refere a formação geral e componentes específicos da área, além de questões relativas à percepção do estudante sobre a prova. As questões de formação geral representam 25% do conceito final e as questões específicas de cada área representam 75%.

Nesse trabalho serão analisadas aquelas referentes à formação específica na área de Administração. São 30 questões das quais 27 são de múltipla escolha e 3 são descritivas. Antes de analisar profundamente o conteúdo de 10 questões que julgamos serem representativas deste processo de avaliação, apresentamos uma classificação das 30 questões em relação ao seu conteúdo:

- a) **Quatro questões sobre Teoria das Organizações, com representação de 13,33% da prova:**

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

1. Questão 11 trata da Escola Clássica, de Relações Humanas, Teoria da Burocracia e Teoria dos Sistemas abordando conceitos básicos;
 2. Questão 12 trata da Escola Clássica, Comportamental, Contingencial e Sistêmica como alternativas para resolução de problemas específicos;
 3. Questão 15 trata de Teorias de motivação visando resultado; e
 4. Questão 39 trata de Teorias de Liderança visando resultado.
- b) **Uma questão sobre Racionalidade, com representação de 3,33% da prova:**
1. Questão 13 trata da tomada de decisão com base na Racionalidade Limitada de Simon, visando resultado.
- c) **Vinte questões de técnicas de gestão, com representação de 66,67% da prova:**
1. Questão 14 trata da Pesquisa de Clima Organizacional;
 2. Questão 17 trata de Programa de Treinamento;
 3. Questão 18 trata de Plano de Incentivo de Grupo;
 4. Questões 20 e 21 tratam de Estratégias de marketing;
 5. Questão 22 trata da Prática de *dumping*;
 6. Questão 23 trata do Retorno do Investimento;
 7. Questão 24 trata da Avaliação de Estoque;
 8. Questão 26 trata do Valor das Operações Intangíveis;
 9. Questão 27 e 38 tratam da Análise Financeira de Investimento;
 10. Questão 28 trata do Ponto de Pedido de Estoque;
 11. Questão 29 trata do MRP (Planejamento das Necessidades de Materiais);
 12. Questão 30 trata da Previsão de Vendas;
 13. Questão 31 trata da Eficiência do Processo Produtivo;
 14. Questão 32 trata do Cálculo de Probabilidade nos Estoques;
 15. Questão 33 e 34 tratam de Tecnologias de Informação;
 16. Questão 36 trata da Lei de Licitação; e
 17. Questão 40 trata da Matriz BCG.
- Todas as técnicas de gestão apresentadas na avaliação têm como objetivo principal a eficiência no processo administrativo, com vistas à geração de resultados financeiros para organizações de mercado, pertencentes ao enclave da economia. Essas técnicas, por si só, representam a instrumentalização do pensamento gerencial, baseada predominantemente na racionalidade instrumental.
- d) **Dois questões sobre Cultura Organizacional, com representação de 6,67% da prova:**
1. Questão 16 trata da Cultura como fator que influencia o comportamento do consumidor; e
 2. Questão 37 trata do Gerenciamento da cultura.
- e) **Uma questão sobre Conflito, com representação de 3,33% da prova:**
1. Questão 19 trata do Conflito gerenciado, visando à ordem.
- f) **Uma questão sobre Competitividade, com representação de 3,33% da prova:**
1. Questão 25 trata da Concorrência entre empresas do mesmo setor.
- g) **Uma questão sobre Ética, com representação de 3,33% da prova:**

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

1. Questão 35 trata de ética, segundo uma abordagem utilitarista.

A seguir, analisaremos mais especificamente 10 questões quanto ao discurso de seu conteúdo:

A questão 11 faz uma referência às Teorias das Organizações:

11. Cada uma das teorias administrativas surgiu como uma resposta aos problemas empresariais mais relevantes de sua época. **Sobre as Teorias de Administração, considere as afirmativas a seguir:**

I. A Teoria da Burocracia de Weber procurou utilizar métodos quantitativos na busca de soluções para problemas complexos.

II. A Visão Sistêmica da Administração considerou a organização como um sistema fechado, sem necessidade de interação com o ambiente, o qual é estável e previsível.

III. A Escola das Relações Humanas apresentou a existência da organização informal e das necessidades sociais das pessoas na organização.

IV. A Administração Científica de Taylor buscou aumentar a eficiência operacional das empresas por meio da ausência de desperdícios e da divisão do trabalho.

A resposta correta corresponde aos itens III e IV.

Análises:

- A consideração da questão refere-se exclusivamente à *teoria tradicional* uma vez que aponta o surgimento de cada teoria com vistas à resolução de problemas empresariais, ou do capital, refletindo a idéia de harmonia administrativa entre capital e trabalho. A teoria crítica não nasce nessas condições, sua preocupação está muito mais relacionada à desconstrução do discurso dominante, a fim de refletir sobre suas idéias de controle da sociedade. Pode-se observar, ante as alternativas propostas, a omissão da existência de qualquer teoria crítica das organizações.
- A Administração Científica de Taylor, a Escola de Relações Humanas e A Teoria da Burocracia de Max Weber são teorias que vêm a forma de organizar as pessoas de forma *gerencialista*, uma vez que o foco é a eficiência e há autoridade de uma pessoa sobre outra.
- Quando a forma organizacional é gerencialista, a ideologia é a de *dominação*, ou seja, de controle dos seres humanos.
- Embora o texto tenha citado as necessidades sociais das pessoas que caracterizam relações informais na organização, não há evidências da sugestão de uma *racionalidade* alternativa à *instrumental* nesta questão
- O termo “empresariais” infere se tratar de organizações de mercado, pertencentes ao *enclave da economia*.

A questão 12 refere-se a um problema empresarial, com o objetivo de transformar a cultura organizacional de uma empresa familiar (que poderia também seguir outras lógicas de ação social, além da ação referente a fins) para uma cultura “profissional”.

12. Leia o texto: Carlos Andrade foi nomeado para substituir o antigo presidente do grupo empresarial Xambri. Seu principal desafio será transformar a cultura de uma empresa familiar em uma nova cultura organizacional, fundada em novos valores, como profissionalismo, envolvimento e proatividade. Carlos sabe que essa não será uma tarefa fácil, principalmente em função da resistência dos gerentes e dos funcionários do grupo Xambri, que não estão acostumados com mudanças e participação nas decisões. Uma solução fácil seria demiti-los e contratar outros funcionários, mas Carlos não quer criar um clima tenso na organização. Prefere

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

optar por um caminho que melhore o clima e estimule o envolvimento dos antigos funcionários. **Em qual abordagem teórica da administração Carlos deve se basear para enfrentar esse desafio?**

A) Clássica. B) Comportamental. C) Contingencial. D) Fundamental. E) Sistêmica.

A resposta correta corresponde a letra B.

Dessa forma, propões-de a seguinte análise:

- Essa questão aborda explicitamente objetivos de busca de harmonia administrativa entre capital e trabalho, negação do conflito (resistência dos gestores) e manutenção do *status quo*. Por se tratar de um problema empresarial, voltado para uma maior profissionalização da empresa, ou, num mesmo sentido, para torná-la mais eficiente, as teorias organizacionais propostas para a “resolução” desse problema, contemplam exclusivamente as **teorias tradicionais**. Não seria coerente a utilização de uma teoria crítica para esse caso, onde a preocupação é o resultado, porém, nota-se que nem nas alternativas tidas como incorretas há menção de qualquer teoria que não fosse a tradicional, inclusive com a citação de uma alternativa inexistente (letra d).
- Nesse caso, a forma organizacional é do tipo **gerencialista**, uma vez que pressupõe a autoridade de um membro sobre os demais, além de ter preocupação principal os resultados “profissionais”.
- O pressuposto aqui é bastante claro: o controle do comportamento humano, ou seja, uma ideologia de **dominação** e, neste caso, a pretensão de uma transformação de valores.
- Os trechos: “Seu principal desafio será transformar a cultura de uma empresa familiar em uma nova cultura organizacional, fundada em novos valores, como profissionalismo, envolvimento e proatividade” e “Carlos não quer criar um clima tenso na organização” sugerem evitar espaços para a contradição, o desenvolvimento individual ou ambigüidades no ambiente organizacional. As conclusões dos estudos sobre racionalidade de Habermas (1984), Guerreiro Ramos (1989) e Serva (1997 a,b) sugeriram uma abordagem completamente distinta da **racionalidade de viés determinístico e funcionalista** que foi inferido para a solução dos desafios do personagem Carlos.
- O contexto do grupo empresarial apresentado na questão caracteriza organizações do **tipo econômico**.

A questão 13 é contextualizada com base na racionalidade.

13. Leia o texto: Durante sua atividade profissional, os administradores precisam tomar inúmeras decisões que envolvem riscos com impacto no desempenho de suas organizações. Fazem-no num contexto em que não dispõem de informações suficientes e têm restrições de recursos e de tempo para coletar mais informações para apoiar o seu processo decisório. Além disso, possuem limitações cognitivas que impedem alcançar uma solução ótima para os problemas que enfrentam. **Com base no texto, é CORRETO afirmar que os administradores tomam decisões num contexto de racionalidade**

A) instrumental. B) legal. C) limitada. D) plena. E) técnica.

A resposta correta corresponde à letra C, considerando como única alternativa a racionalidade limitada proposta por Hebert Simon. Dessa forma analisamos:

- O tema sobre racionalidade é um dos mais debatidos nas teorias organizacionais tidas como críticas, uma vez que reflete o conjunto de normas que guiam a ação humana. Porém, a questão aborda exclusivamente a racionalidade limitada de Simon, que trata a racionalidade como a capacidade de cálculo de conseqüências do homem, típico da **teoria tradicional**.



II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

- No caso da tomada de decisão visando o resultado das organizações, o tipo de organização é a **gerencialista**.
- O desempenho das organizações é uma preocupação que pode ser associada à ideologia de **dominação**, pois conta com o comprometimento das equipes para o atingimento dos resultados.
- A lógica da **racionalidade** limitada é utilitarista e, portanto, **instrumental**.
- O texto cita somente as decisões sobre o desempenho de suas organizações como atividade do administrador e que, portanto, a insuficiência de informações e recursos, além de suas limitações cognitivas, o impedem de alcançar uma solução “ótima”. Também prevalecem os termos como “desempenho e solução ótima”, refletindo preocupações típicas do enclave da **economia**.

A questão 16 relaciona-se com fatores culturais.

Leia o trecho: Fatores culturais exercem influência no comportamento de compra dos consumidores. **PORQUE** A cultura consiste no conjunto compartilhado de valores e crenças duradouras que caracterizam e distinguem grupos sociais. **A respeito dessas duas afirmações, é CORRETO afirmar que**

- A) as duas afirmações são verdadeiras, e a segunda não justifica a primeira.
- B) as duas afirmações são verdadeiras, e a segunda justifica a primeira.
- C) a primeira afirmação é verdadeira, e a segunda é falsa.
- D) a primeira afirmação é falsa, e a segunda é verdadeira.
- E) as duas afirmações são falsas.

A resposta correta corresponde a letra A. Dessa forma analisamos:

- A questão infere que a cultura deva ser uma variável conhecida pelo gestor porque influencia o comportamento de compra dos consumidores, pressuposto típico da **teoria tradicional**.
- A ideologia aqui implícita é a de **dominação**, porém, nesse caso, o controle do comportamento dos consumidores por meio do conhecimento da variável cultural.
- A preocupação com o poder de compra do consumidor é típica do modelo organizacional presente na **economia**.
- A caracterização da cultura, presente na segunda afirmação, não define um enclave social específico, nem tão pouco uma racionalidade predominante.

A questão 18 aborda o gerenciamento de recursos humanos.

18. Considerando-se a necessidade de se criar uma intensa colaboração entre todos os funcionários para atingir as metas estipuladas, o gerente do Restaurante Paladar Exótico decidiu aplicar um Plano de Incentivo de Grupo, por meio de bonificações à sua equipe de funcionários. **Qual das alternativas representa adequadamente esse Plano de Incentivo de Grupo?**

- A) Incentivar o desempenho diferenciado dos diversos subgrupos componentes da equipe de funcionários.
- B) Promover à posição de supervisor do grupo o funcionário que mais se destacar na realização das suas atividades.
- C) Recompensar, de forma diferenciada, os funcionários, com base na experiência deles.
- D) Recompensar o conjunto dos funcionários sempre que as metas esperadas do restaurante forem atingidas ou superadas.
- E) Recompensar os funcionários que se destacarem na superação das metas individuais.

A resposta correta corresponde a letra D. Dessa forma analisamos:



II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

- O gerenciamento de recursos humanos é, por si só, objeto das *teorias tradicionais*, uma vez que preocupa-se com a harmonia administrativa entre trabalhadores e detentores de capital, negando o conflito. Seu objetivo principal é o controle do comportamento humano. As teorias críticas não tratam das pessoas como recursos gerenciáveis.
- A forma organizacional é o tipo gerencialista, uma vez que pressupõe um gerente criando colaboração entre os funcionários visando algum resultado (para atingir metas estipuladas).
- A ideologia da questão é a de *dominação*, uma vez que busca controlar o comportamento humano, utilizando um plano de incentivos, a fim de atingir as metas estipuladas.
- A racionalidade que permeia a construção de um plano de incentivo de grupo é a *instrumental*.
- A organização citada na questão é do tipo *econômico*.

A questão 25 aborda a competição entre empresas.

A Camurati S.A. é uma empresa de médio porte que produz rolos de filmes plásticos que serão utilizados como embalagens. Seus clientes são grandes empresas alimentícias, e seus fornecedores são grandes empresas petroquímicas. O produto da Camurati S.A. é altamente padronizado, a concorrência é intensa e a competição se dá unicamente por preço. **Qual das seguintes alternativas descreve a situação competitiva para a Camurati S.A.?**

- A) A rivalidade entre as empresas do setor é baixa, e, por isso, a situação da empresa no longo prazo é estável.
- B) Existe uma elevada diferenciação dos produtos da empresa, e, devido a isso, apresenta uma vantagem competitiva perante os concorrentes.
- C) Existe uma elevada homogeneidade entre as empresas do setor, e, por isso, necessita ser operacionalmente eficiente ou ter economias de escala.
- D) Possui um grande poder de barganha perante seus fornecedores, e, em consequência, consegue comprar a mercadoria a custos inferiores aos dos seus concorrentes.
- E) Tem grande poder de barganha com seus clientes, e, por isso, consegue vender a mercadoria a preços superiores aos de seus concorrentes.

A resposta correta corresponde a letra C. Dessa forma, analisamos:

- A competição entre empresas, seguindo a lógica de mercado, com prescrições que devem ser eficientes ou terem economias de escala (voltada para resultado) é objeto de *teorias tradicionais*.
- Além disso, apesar da questão não explicitar a relação entre os membros, organizações que buscam eficiência são do tipo *gerencialista*, uma vez que o consenso ou entendimento entre as pessoas que fazem parte do contexto social, normalmente, não é eficiente.
- Não é explícita a ideologia da questão. Porém, quando o objetivo é a eficiência, as teorias administrativas pretendem o controle do comportamento humano, a fim de executar o plano de ação. Dessa forma, entendemos como uma ideologia de *dominação*.
- A racionalidade implícita na análise competitiva da organização mencionada é a *instrumental*, descrevendo a obtenção de vantagens na barganha com fornecedores.
- A natureza jurídica de sociedade anônima, típica dos estudos de estratégia e vantagem competitiva, é uma organização presente no *enclave econômico*.

A questão 31 trata da eficiência dos processos produtivo:

Você é consultor e estuda o mercado de esmagamento de soja no Brasil. Os produtos comercializados nesse mercado são farelo de soja e óleo vegetal. As plantações de soja estão espa-

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

lhadas por todo o interior do país. A margem de lucro dos produtos é muito pequena, e a logística é um custo significativo da operação. O transporte é feito via modal rodoviário e o volume de soja colhida é muito superior ao volume somado de farelo e óleo. **Para ter um desempenho sustentável em longo prazo, é necessário que as empresas tenham:**

- I. grande volume de esmagamento;
- II. proximidade de centros de plantação de soja;
- III. frota de transporte próprio;
- IV. localização perto de uma grande capital metropolitana.

Estão CORRETAS somente as afirmativas

- A) I e III. B) II e III. C) I e II. D) III e IV. E) I e IV.

A resposta correta corresponde a letra C. Dessa forma, analisamos:

- Eficiência no processo produtivo, voltada para resultados, é objeto das *teorias tradicionais*.
- Assim como na questão anterior, apesar da questão não explicitar a relação entre os membros, organizações que buscam eficiência são do tipo *gerencialista*.
- Não é explícita a ideologia da questão. Porém, quando o objetivo é a eficiência, as teorias administrativas pretendem o controle do comportamento humano, a fim de executar o plano de ação. Dessa forma, entendemos como uma ideologia de *dominação*.
- A preocupação com os fatores que afetam a margem de lucro enseja a aplicação exclusiva da *racionalidade instrumental*.
- As empresas mencionadas no enunciado são organizações do *enclave economia*.

A questão 35 trata da ética dos gestores de organizações:

Ao longo do tempo, filósofos têm identificado várias formas de encarar o comportamento ético nas organizações. Entre elas, a visão utilitarista considera o comportamento ético como aquele que traz o maior bem para o maior número possível de pessoas. **Sob a lógica da visão utilitarista, considere os itens a seguir:**

- I. fechamento de uma fábrica em uma cidade, para que a matriz da corporação continue sendo lucrativa e operacional em outras cidades;
- II. deslocamento dos habitantes de um vilarejo à beira-mar, para a construção de um condomínio de alto luxo, pequeno e reservado;
- III. suspensão do bônus da alta administração, apesar de seu ótimo desempenho, para preservar a sobrevivência da empresa.

Está(ão) CORRETO(S) somente o(s) item(ns)

- A) I e III. D) I. B) II. E) II e III. C) III.

A resposta correta corresponde a letra A. Dessa forma, analisamos:

- Se analisarmos a ética com base na visão utilitarista, essa faz parte da *teoria tradicional* das organizações, uma vez que ela baseia-se na ética, *desde que* traga resultados organizacionais, como manter a corporação lucrativa na alternativa I e preservar a sobrevivência da empresa na alternativa III.
- A ética sob a lógica da visão utilitarista é do tipo *gerencial*, por ter preocupação com resultados.
- Não é explícita a ideologia da questão. Porém, sob uma visão utilitarista, a ideologia é de *dominação*, uma vez que baseia-se no cálculo meio/fins para alcance dos objetivos e, conseqüentemente, os homens precisam ter um comportamento compatível com o plano de ação.
- Embora o enunciado tenha citado o termo organização, os itens corretos somente apresentaram somente aquelas típicas do *enclave econômico* (fábricas e empresas).

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

- A questão sugere a existência de várias formas de encarar o comportamento ético nas organizações, mas não explora outras racionalidades nas respostas certas, além da *instrumental*.

A questão 36 aborda a licitação na gestão pública:

O Art. 175, relativo ao Título VII “Da ordem econômica e financeira”, Capítulo I “Dos princípios gerais da atividade econômica”, da Constituição Federal de 1988, especifica: “*Incumbe ao Poder Público, na forma da lei, diretamente ou sob regime de concessão ou permissão, sempre através de licitação, a prestação de serviços públicos.*” **Quais são as implicações desse princípio no papel do Estado na formulação e na execução de políticas públicas relativas aos serviços de infraestrutura (energia elétrica, telecomunicações, transportes, etc.)?**

- A) Empresas privadas assumem todo o processo de formulação e de implementação de políticas públicas nos setores de infraestrutura.
- B) O Estado atua como formulador de políticas públicas na área de infraestrutura, podendo descentralizar a sua execução para empresas privadas.
- C) O Estado centraliza todo o processo de formulação e de execução de serviços públicos na área de infraestrutura.
- D) O Estado retira-se do processo de formulação e de implementação de políticas públicas na área de infraestrutura, deixando esse papel para a iniciativa privada.
- E) O processo de prestação de serviços públicos na área de infraestrutura se dá num regime de falta de competição.

A resposta correta corresponde a letra B. Dessa forma, analisamos:

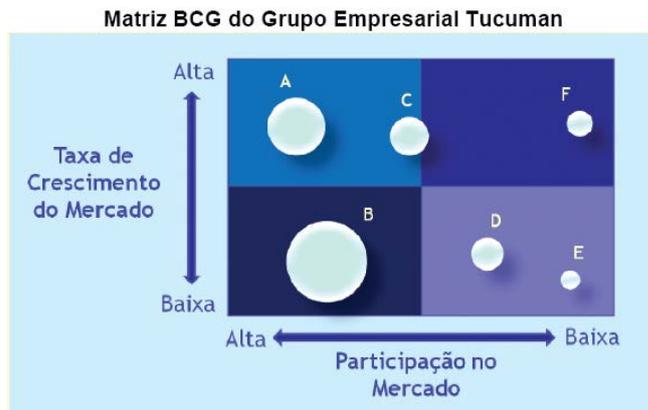
- Embora se trate de uma questão de direito administrativo e não de teoria das organizações, a preocupação com a ordem, presente na legislação citada no enunciado, é um elemento que pode ser associado à teoria *tradicional*.
- A concessão de serviços públicos à iniciativa privada se insere na forma *gerencialista* de organizar
- O contexto descrito no enunciado se refere ao repasse de poder do estado à iniciativa privada, aumentando as possibilidades de *dominação* das empresas concessionárias, já que, no estado, não existe a pressão por resultados do capital.
- Essas relações entre o estado e a iniciativa privada ocorrem no enclave *econômico*, de maneira formal e ordenada por procedimentos hierárquicos e determinísticos.
- A racionalidade *instrumental* predomina nas transações formais descritas no trecho da constituição referido na questão.

A questão 40 traz a matriz BCG para análise dos investimentos da empresa:

De acordo com uma visão conservadora dos negócios, em tempos de crise não se podem fazer apostas arriscadas. É preciso proteger as posições estabelecidas, cortar custos desnecessários e esperar o mercado se restabelecer. Para enfrentar a crise econômica mundial, a presidência da rede de hotéis Tucuman, adotando uma postura conservadora, decidiu fazer alguns cortes no orçamento de marketing para o próximo ano. A fim de racionalizar seus investimentos e buscar a sustentabilidade futura dos seus negócios, o presidente do grupo determinou que o diretor de marketing priorizasse as unidades mais importantes e cortasse os investimentos nas menos expressivas para a estratégia da rede. Entre os funcionários, existe o temor de que uma política agressiva de redução de custo implique demissões em massa. **Com base na análise do portfólio de negócios do Grupo Tucuman, utilizando a matriz BCG representada na figura, que decisões de investimento deve tomar o diretor de marketing para cada unidade hoteleira, a fim de seguir as diretrizes da presidência?**

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)



A resposta é discursiva. Dessa forma, analisamos:

- A teoria presente na questão é a **tradicional**, pelo fato de ser uma teoria de manutenção de *status quo* por meio dos negócios empresariais.
- A forma organizacional é do tipo **gerencialista**, com um diretor decidindo sobre os investimentos, com eficiência (corte de custos) visando o resultado, típico de uma organização segundo a lógica de mercado (nesse caso, em crise).
- A ideologia de **dominação** está explícita na questão ao se referir a uma “determinação” da presidência da rede ao diretor de marketing. Isto ratifica a demanda por eficiência impactando no controle do comportamento humano, a fim de alcançar as expectativas dos detentores do capital.
- A rede hoteleira que se configura como objeto de análise da questão situa-se no enclave econômico.
- A resposta esperada dos avaliados, com base na matriz BCG, utilizará exclusivamente a racionalidade instrumental na escolha do melhor portfólio para a otimização dos investimentos da empresa.

A partir das análises apresentadas nesta pesquisa, conclui-se que há uma marcante parcialidade no discurso das questões do ENADE. Não foi possível identificar quaisquer conhecimentos que se referissem às teorias críticas. Da mesma forma, também não se identificou conteúdo algum que se referisse a um modo de organizar alternativo ao gerencialismo. A ideologia da dominação foi claramente evidenciada nas relações humanas contextualizadas na prova, as quais ocorriam exclusivamente em organizações situadas no enclave econômico. Finalmente, não foi possível identificar qualquer conteúdo que implicasse no uso de uma racionalidade diferente da instrumental. Conclui-se, portanto uma clara limitação das bases epistemológicas dos conteúdos da avaliação dos cursos de administração, feita pelo ENADE. Essa limitação é caracterizada por um viés gerencialista, em detrimento de uma perspectiva epistemológica mais completa da Administração.

Uma última conclusão pode ser extraída dos dados fornecidos pelo e-MEC, relativos à avaliação dos estudantes dos cursos de Administração em 2009, apontando os 10 cursos mais bem avaliados nesta edição do exame:

- 1º - Facamp (privada com fins lucrativos)
- 2º - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP (pública estadual)
- 3º - Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI (pública federal)
- 4º - Universidade Federal de Minas Gerais (pública federal)
- 5º - Insper Instituto de Ensino e Pesquisa (privada sem fins lucrativos)
- 6º - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (pública federal)

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

- 7º - Universidade Federal de Santa Catarina (pública federal)
- 8º - Universidade Federal Lavras (pública federal)
- 9º - Instituto Superior de Educação Tupi Paulista (privada sem fins lucrativos)
- 10º - Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho (pública estadual)

Como pode ser observado no ranking dos 10 melhores cursos de Administração do país, com base no ENADE, temos 70% de escolas públicas e 30% privadas, das quais somente uma com fins lucrativos e duas sem fins lucrativos. Esta configuração nos leva a crer que o ensino nas universidades públicas provavelmente ratifica essa parcialidade científica, ao formar estudantes muito bem qualificados nestes conteúdos de administração altamente viesados. Isso quer dizer que, a universidade financiada com recursos públicos, ou seja, da sociedade, tem uma responsabilidade social muito mais acentuada do que universidades com fins lucrativos. Dessa forma, não era de se esperar a disseminação de teorias que possuem sérios problemas éticos e políticos de forma tão indiscriminada. Ora, se nesse ambiente o ensino da exploração humana é acrítico, o que se esperar de instituições voltadas para a formação para o mercado de trabalho? Entendemos que o dinheiro público deve financiar a geração de conhecimento que propicie a melhoria das condições humanas de toda a sociedade, e não de pequenos grupos detentores de capital.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) faz parte do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) brasileiro. Dentre os objetivos do SINAES, destacam-se dois: “identificar o mérito e valor das instituições, áreas, cursos e programas, nas dimensões de ensino, pesquisa, extensão, gestão e formação” e “promover a responsabilidade social da IES [...]”.

O objeto deste trabalho foi identificar e analisar as bases epistemológicas dos conteúdos avaliação de cursos de Administração. Concordamos com Reed (1999) que afirma que o estudo da Administração influencia e é influenciado pelas formas que nos organizamos na sociedade. Já seria um debate bastante interessante a questão da responsabilidade social de uma instituição de ensino superior, uma vez que esta forma opiniões na sociedade e, consequentemente, influencia na formação de valores. Entendemos que a responsabilidade social vai muito além do retorno que a universidade dá a sociedade em termos de melhorias técnicas. A responsabilidade social também é relacionada ao ‘tipo de cidadão’ que esta forma e de que forma ele agirá na condução de uma vida humana associada. Por ser um processo carente de uma base epistemológica mais ampla, uma avaliação pretender a promoção dessa responsabilidade social por meio da universidade é um tanto quanto perigoso.

No que tange a tentativa de “identificar o mérito” da instituição, essa análise contribuiu para identificar o que é considerado “mérito” pelos órgãos competentes nesse processo de avaliação. Por meio do ENADE é realizada a avaliação dos estudantes de todos os cursos de graduação, ao final do primeiro e do último ano do curso. A avaliação é expressa por meio de conceitos. O ENADE tem por objetivo “ aferir o rendimento dos alunos dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos, suas habilidades e competências”. Dessa forma, entendemos que o conteúdo explícito nas avaliações do ENADE reflete o conteúdo ensinado nos cursos de Administração do país.

Não foram encontradas, na prova analisada, questões que considerassem decisões do administrador, as quais considerassem diferentes padrões cognitivos e racionalidades. Existem decisões do administrador que se orientem por diferentes racionalidades para resolver problemas distintos daqueles relacionados ao desempenho organizacional e à otimização de solu-

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

ções? Existem outros princípios de relacionamento e técnicas administrativas que se diferenciam daquelas aplicadas nas organizações de mercado e que podem ser utilizadas nos ambientes isonômicos e fenonômicos? Certamente tais aspectos não estão contemplados nas teorias organizacionais exploradas na prova do ENADE. Mesmo que houvesse mudanças na forma de avaliação, o ensino poderia acompanhar as mesmas tendências de posicionamento epistemológico. O problema é que as mesmas pessoas fazem os dois processos, baseadas em correntes restritas do conhecimento científico e que não representam a amplitude epistemológica presente no campo.

O discurso identificado na avaliação do ENADE trata a “organização” como sendo constituída de uma ordem social e moral em que os interesses e valores individuais e grupais são simplesmente derivados de uma estrutura de “interesses e valores do sistema”, que não se contaminam por conflitos setoriais e lutas de poder. Essa forma unitária de conceber a organização é inteiramente compatível com um contexto político e ideológico mais amplo, dominado por teorias neoliberais de organização e controle da sociedade, que elevam as “forças impessoais do mercado” à categoria analítica de universalidades ontológicas, determinando as chances individuais e coletivas de sobrevivência.

REFERÊNCIAS

DALLAGNELO, Eloise Livramento; SILVA, Clóvis L. Machado da. Novas formas organizacionais: onde se encontram as evidências empíricas de ruptura com o modelo burocrático de organizações? **Revista O&S**. v.7 – n.19 – Setembro/Dezembro, 2000.

ENADE 2009. Provas e gabaritos. Curso de Administração. Disponível em: <enade2009.inep.gov.br>. Acesso em 15 de junho de 2011.

GUERREIRO RAMOS, A. **A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações**. Rio de Janeiro: FGV, 1981. Cap. 7 e 8.

HABERMAS, Jürgen. **The Theory of Communicative Action**, Vol. I, Boston, Beacon Press, 1984.

_____. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1968.

MANNHEIM, K. **Liberdade, poder e planificação democrática**. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

MOTTA, Fernando C. Preste. **Teoria das organizações: evolução e crítica**. 2 ed. rev.e ampl. São Paulo: Pioneira Learning, 2001.

PAES DE PAULA, Ana Paula. Tragtenberg revisitado: as inexoráveis harmonias administrativas e a burocracia flexível. **RAP**, Rio de Janeiro, v. 36 (1): 127-44, Jan./Fev. 2002.

PARKER, Martin. **Against Management: Organization in the Age of Managerialism**. Cambridge: Polity, 2002.

II Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2012)

REED, Michel. Teorização organizacional: um campo historicamente contestado. In: CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISCHER, T. (Orgs.) *Handbook de estudos organizacionais*. Vol. 1. Modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa, Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências, Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, 237-280, 2002.

SERVA, M. A racionalidade substantiva demonstrada na prática administrativa, in **Revista de Administração de Empresas**, v. 37, n. 2, p. 18-30, abr/jun 1997(a).

_____. Abordagem substantiva e ação comunicativa: uma complementaridade proveitosa para a teoria das organizações, in **Revista de Administração Pública**, 31(2) : 108-34, mar/abr 1997(b).

TENÓRIO, Fernando G. Gestão social: uma perspectiva conceitual. *RAP*, Rio de Janeiro: FGV, v. 32, n. 5, p. 7-23, set./out. 1998.

TRAGTENBERG, M. **Sobre educação, Política e Sindicalismo**. São Paulo: Editores Associados; Cortez, 1990, 2ª edição.

_____. **Burocracia e ideologia**. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

WEBER, M. **Economia e sociedade**. 4. ed., v. 1. São Paulo: UnB, 2004(a).

_____. **Economia e Sociedade**. 4. ed., v. 2. São Paulo: UnB, 2004(b).